

[POESIA]

À BEIRA DE UM ABISMO ESPELHADO

Amanda Damasio

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**

tel
ara
nha 

À beira de um abismo espelhado

Amanda Damasio

© Amanda Damasio, 2025
© Biblioteca Pública do Paraná, 2020

Coordenação editorial: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde M. Pereira
Normalização de originais: Juliana Sehn
Diagramação: Telaranha Edições
Arte final: Manoela Gonçalves Haas
Revisão: Guilherme Conde Moura Pereira
Comunicação: Hiago Rizzi

PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Damasio, Amanda

À beira de um abismo espelhado / Amanda Damasio. – 1. ed. – Curitiba, PR:
Telaranha, 2025. – (Outras palavras)

ISBN 978-65-85830-22-5

1. Poesia brasileira I. Título. II. Série.

25-277108

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
2025

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 

À beira de um abismo espelhado

Acordar mais um dia
(mais um! vade retro...)
é encarar de frente um abismo.

Meus cabelos se espalham
pela ventania — e sei porque vejo
lá embaixo o reflexo, suas cores,
linhas de fios balançando numa cabeça
que pende — vento frio alegrando a vida.

Hoje consigo ver porque estou perto,
mas se acordo em montanhas altas,
flores rarefeitas como peixes monstruosos,
só sei reconhecer um espelho
no fundo do abismo
por causa do seu azul — o céu correndo
entre pedras pretas e ossadas esquecidas.

Nesses dias longe contemplo o que me sobra: tudo.
E esqueço que sou qualquer coisa além de algo que respira.
O terror do início desaparece quando esqueço meu nome,
não tenho medo de perder o que não reconheço: a vida.

“Quantas vezes você ficou quieta?”

Ouvi uma atriz perguntar à plateia.

Eu e uma amiga chorávamos no teatro,
pensando em silêncio em balões de fala estourados.

Eu tento vencê-los, matá-los no grito,

mas se alguém grita

eu digo: _____

Agonia

Sente como grita
tão luminosa
horrível proposta
reluzente e maldita...

Basta que o dia termine
Sem sono à vista
Vem a agonia
Se fazer peso, limite.

Ouçõ suas histórias
horrendas e fatais
sobre mim mesma — morta.

E a vida — transitória
tão rápida, sem tempo para ideais
morre sem parar até a aurora.

Overdose

Fecho pálpebras, tranco-as como portas,
protejo meus olhos cansados das repetidas formas.
Foco no breu, no preto, no vazio do escuro,
mas ainda assim sinto quadrados, seus vultos.

Digamos que eu esteja exausta:
pois mesmo de olhos fechados
deitada em minha cama, sou atormentada.
Penso na moldura da cama, seus lados.

Mesmo se fugisse, teria de levar a mala:
a maldita mala quadrada,
as roupas dobradas como quadros,
a bagagem dolorida do cansaço.

Febрил, resisto em meu quarto
cheio de cantos — de ares repetidos,
me aproximo da pia — seu corpo vazio,
a ausência e presença de um gatilho.

Seguro caixas de remédio,
olhando para fora, cansada:
vejo pombas pixeladas
galhos quadriculados como prédios,
estampas retas, suas calçadas.

Vomito molduras, documentos;
tudo que tenha quatro lados.
Estou cansada.
Vejo também no fundo do vaso
milhões de tabletes de medicamento,
tento me livrar, mas não funciona a descarga.

Percurso da raiva

Se chego bufando às 17,
não é à toa, raiva-bomba,
rápida — originada no meu esôfago.

As jaguatiricas vieram cedo,
antes que os ônibus começassem a passar.
Acordei num sobressalto, sonhos com janelas,
quedas violentas sobre o travesseiro ao meu lado.

Meus cabelos faziam cachos de escadas perigosas,
abismos faziam meu rosto parecer estradas de pedra,
riscadas sobre meu corpo sem charmes.
Minha fome gritava em grutas, ecos.

Sem pão nem companhia, minha mesa
da cozinha roncava vazios também,
as portas dos armários batiam ardidias,
o café da manhã imaginado não sobrava.

Me perco ao procurar roupas,
minhas dores aparecem como manchas no chão encardido;
Qualquer esperança montada em luz da manhã
morre já cedo, vira bolor, febre alta — cara feia.

O dia passa com notificações irritantes no celular,
gente sem noção irritava as jaguatiricas já trepadas
em meus ombros cansados. Roupas secas do varal emboladas.
Suspiros roteirizados para aguentar certas falas e suores.

Sei que lagos congelados cor de telha
derretem em mim, minha raiva.
Chego às 17, brava — olhares assustados
me veem antipática. Mas olha, vamos nomear:

Raiva é um cansaço com paetê,
cheio de café — fundamentado.

Ossos roídos

Tenho um cachorro que carrega seu osso
há meses, pra lá e pra cá, como brinquedo,
sem roê-lo totalmente. Sem comê-lo.

O osso pegou a poeira da casa,
ficou imundo, com mau cheiro.
A coisa fica jogada aos cantos, desgastada.

Vejo pessoas desse jeito, às vezes,
rugos que parecem desgastes de dentes,
ruínas?
Mordidas.

Seus lados mais afiados ficam externos,
seus ombros, dedos e sorrisos cortam,
facas potentes e sinceras,
sem maneira de voltarem a ser cegas.

As lâminas internas submergem,
o próprio osso mais afiado que os dentes.
Se lâminas refletem ácidas a luz que recebem,
entendo — é mecanismo de defesa.

Lembro de mim mesma
ao pisar no osso esquecido.
Tenho lâminas dentro de mim também,
a diferença é que escondo bem fundo — sem ruídos.

Rancor

Certos embolorados são invisíveis,
foi uma professora minha que disse,
que se um pão do pacote está podre, mofado
todo o resto está, mesmo que esteja limpo, desinfetado.

Não sei se é possível
mas se fecho os olhos rápidos
vejo uma camada de bolor subir pelo armário,
percorrer a cozinha num tiro,
vir me fechar a garganta, meus buracos.

Sou eu lembrando de troços de quatros anos atrás,
pequenos comentários sem maldade, ao mar atirados
que eu, como maldição, perpetuamente salvo, limpo,
faço respiração boca a boca com o ódio, mas sem respirar
eu mesma me afojo em acontecimento mínimo.

Ensopada e sem perceber, retiro corpos mortos do oceano,
já embolorados, na verdade, mas eu também podre não me
percebo. Assim burra nutro com minha vida umas respostas
perdidas, uns planos, ando torcendo por ter O memórias.
Queria poder dizer que esqueço.

Tela

Seu busto reto
separa-me.
Solitária fico;
sem nada.

Entre mim
e o mercado:
uma tela.
Entre mim
e amigos:
uma tela.
Entre mim
e o espaço.

Sem universo
tudo num instante
nada estático.

Faz-me falta
um céu azulado..
Visto de fora da janela.
De frente encarado.

Palavra

Se falam nomes de doenças
eu sinto bolhas nascerem no corpo,
explodirem. Acontecências.
Se falam mil vezes, em coro,
eu começo a pensar no meu atestado de óbito,
larva em forma de documento e ódio.
Por isso tento botar palavras bonitas no livro.
Porque tem horas que a gente só quer belos sentidos.
Sem lembrarmos da morte. Ou do cartório.

I am a brazilian girl

Isso significa, talvez, que eu tenha desistido.
meu país desaponta há 520 anos,
há 520, eu e outras mulheres desconfiamos,
não espero nada de uma terra concebida em vício.

A terra vermelha da cidade posta em caminhões brancos,
sem raízes, sem árvores, sem pássaros nos galhos,
percorre as ruas, empoeirando calçadas, dissipando.
A história — já meio apagada — vai se destruindo aos bocados.

Os homens tão infelizes nas filas dos bancos, vivos-mortos
tão nocivos às suas mulheres e filhos por capricho; machos,
não têm a clareza que uma lágrima solta pode trazer aos corpos,
tristeza que suas mães e professoras sabiam apontar em cada cacho.

Mesmo sendo de uma ponta do país, sinto a sede dos bichos
[queimados
Por dinheiro mortos e, por ironia, nas notas de real estampados,
Acho que quase todo brasileiro — não sendo rico — se vê
[em perigo de ser extinto,
e só glorificado depois, em fotos, velórios e textos de aniversário.

É difícil viver no Brasil — porque é difícil pensar no agora
[estando aqui.
365 dias por ano o brasileiro sonha com outra casa, outro
[carro, outro lugar, outro país.

O sonho de um país saqueado de recuperar seu ouro,
sua esperança e encontrar-se renovado.
But I'm just a brazilian girl; open for whatever country that
actually uses my talents: meu trabalho.

Inominável

Sou testemunha e atriz do Inominável,
de palavras que nunca deixaram
de ser minhas, nossas, propriedades de senhoras,
crianças, avôs, almas e mitologias.

Venci águas, neves, pedregulhos e cristais
sinto pedaços de cada um deles no corpo,
revirando em cacos entre ossos e buracos,
escrevendo histórias nos órgãos maciços.

Sou filha de Marias e Joãos. Mas também
sou do mundo, da feira, do bar e de sinos de igrejas.
Se olho pra cima em memórias me lembro de tudo,
sei de cor a cal de cada parede do meu coração.

Decorativas

Vivas, mas presas em palmas abertas
as plantas do apartamento suspiram.

Decoram, vivem, apontam os corpinhos pra cima,
mas suas raízes tão rasas fazem nós sem laços.

Bicos de papagaio

Arrisco dizer:
mais bonitos
que todos os outros bicos:

de tetas, de patos e ornitorrincos.
Os bicos de papagaio
são armas, abridores de lata.

Duros lábios
quase metalizados
sem jeito de asa.

As cores das penas não traduzem
a potência do bico.
Nem a capacidade da fala.

Toda mulher é uma ilha

Homens e mulheres chegam mortos
todos os dias à beira da minha orla.

Procuvo em suas roupas ensopadas
motivos que o fizeram nadar até minha praia.

Não foi nada. Foi o acaso.
Apenas uma direção que tomaram.

Não sinto pena. Não os enterro, corpos estáticos
penso que toda sua vida deve-se ir embora no salgado. No imenso.
do mar de sua vontade, sua disposição. No mar de sua morte.

Mas se acho joias e telefone, aviso parentes, os brilhantes enterro.
Escrevo na areia os nomes que encontro nos documentos. E rezo.
Não que eu me importe.

Asfalto

Doze ou dez crianças suadas
rodavam pela rua sujas,
às vezes de mãos dadas.

Éramos pequenos itens decorativos
sobre a calçada e suas rachaduras.
Jogávamos bola, riscávamos o chão da rua.

Mesmo pequena, eu pensava isto:
quantas crianças já brincaram aqui?
Perguntava à minha mãe, aos meus tios.

Minha avó me disse que namorava meu avô por ali,
enrolavam os braços (só os braços)
e saíam a passear, de amor afogados.

Descalça, eu olhava os meninos só de shorts
intensos, jogando futebol ou queimada,
o calor do meu pé na rua quente subia pelas pernas. Não parava.

Desejava ainda nova sentir o gosto
da brincadeira nos molhados pescoços,
como leoa, debruçar-me sobre aquelas poças.

Acho que minhas vontades
se juntavam às da minha avó enamorada.
E de todas as outras mulheres que pela rua passaram apaixonadas.

Ai, eu pensava naqueles ombros ainda magros,
Nos dentes de aparelho dos meninos do bairro,
de seus corpos ainda sem pelos, seus cabelos arrepiados.

Esse tempo passou — hoje gosto de homens, seus dentes certinhos.
Carreiras quase calcificadas, a responsabilidade escorrendo
[de seus boletos pagos.
Mas quando deço a rua ainda sinto a atmosfera romântica do asfalto.

Selvas, onças e canções

Já trepei em árvores muito altas, floridas
raspando minha pele contra a sua, áspera.
Pena que acontecia tudo, tudo na calçada.
Ficava pensando no topo, sentada com as formigas:
Olhava os meninos jogarem bola na rua, pensava:
como faz uma árvore quando gosta de outra?
Aposto que líquidos invisíveis caem de suas folhas,
línguas e flores que só outras árvores compreendem — seus olhares.
Já desejei numa intensidade de onça. Talvez também de árvore,
fazer coroas de flores intactas, esmaltadas, e escondê-las, rasgá-las.
Olhar rápido e desviar. Cada um que amei foi com o ardor de
[uma floresta,
com a vontade de viver de cada bicho, com o papo cheio de
[canções assobiadas.

Já quis arrancar jugulares, ser rasgada por focinhos, esfregar-
-me entre pelos como panteras. Formar ninhos, galho a galho
— como se penas coloridas nascessem pelo meu peito de
repente. A cada paixão me sinto mais perto da verdade — e
mesmo que seja na calçada, na rua esburacada. Recuso um
amor fresco, social, vestido, regrado, cheios de datas, regras —
de gente. Se falo apaixonada, ouço rugidos, canções, barulhos
de água — intensidades de bicho vivo na mata.

Poeminha de amor

Ouçã como pinga
grão a grão
a neve de mentira
do meu coração.

Nuvens de papel colorido
Margaridas de caules falsos
Jogo fora para dar espaço
ao real, ao vivido.

Difícil tarefa,
escolho a dedo.
Eu tinha medo.

Desentulhei o vazio
E agora está limpo.
O amor resta.

Memória muscular

Às vezes meus músculos enguiçam
e mesmo sem amor no vulto que chamo de corpo
faço carinhos, rio de piadas, olho nos olhos
mas não quero dizer nada.

É porque a vida tem que continuar
mesmo sobre minha carcaça.
Há dias que não me reconheço,
mas se sei dizer meu CPF no cartório, tudo bem.

O importante é que as coisas funcionem,
que minhas mãos saibam onde encontrar os óculos
onde tatear amores e como fazer chás e cafunés
mesmo se suportados por ossos quebradiços,
o ácido do estômago no cérebro revirado e vazio.

O sentimento volta: nunca me larga de vez,
penso que se sente os dedos sem vida escrevendo poemas,
fica com pena. Volta e os músculos voltam à terra natal,
à força que nunca se inscreve em documentos burocráticos,
mas que continua, continua, continua, mesmo sem o brilho no olho.
Que dessa vez tem uma luz tão clara, tão vívida, que esquenta
todos os ossos congelados de meses sem intenção.
Por fim, tudo cintila.

Primeiros encontros

Todo primeiro encontro é um enterro,
um velório, uma despedida das próprias
primeiras vezes, do nervoso fresco.

O perfume doce em excesso,
a textura branca da espuma do chope,
a pergunta besta e o sorriso amarelo.

Se fosse fazer uma bandeira de novos amores,
faria essa, com minha perna tremendo, os calores,
os dentes batendo e o os decotes profundos, de meio metro.

Ai, quantas vezes eu penso sobre a hora da investida,
sobre o tempo tão rápido, tão lento,
como pensa uma viúva cuja rasteira sofria.

Confiança

Criança, sem te conhecer ainda
jurei que vi um guepardo num quintal preso
perto da casa da minha vó Maria.
Ninguém acreditou — mas eu juro e não esqueço:
Vi o bicho rondando como cachorro atrás de um portão.

Se fosse hoje em dia, contaria só a você, João.
Sei que respeita as visões de sua parceira enlouquecida,
que me levaria lá se eu mal dormisse pensando no felino,
batendo palmas a chamar a senhora criminosa (em teoria).
Se fosse verdade, você não se surpreenderia. E salvaria o bicho,
me salvando ainda.

Detetive

Seus dedos vermelhos seguram abraçados a lupa.
Seu chapéu xadrez e lenços de barra sofisticada
tremem quando, ao investigar um mistério, se inclinava.
Suas peles gordas debaixo da roupa faziam curvas.

Mas veja seu cérebro, massa cheia de cachos,
sua eletricidade sem fim, seu desejos em sigilo.
Invisível e deitada sobre a cena do crime me faço,
deixo que você descubra em mim o que está escondido:
um corpo faminto refletido em seus olhos ávidos.

Fundo falso

Quando estendem mãos abertas
deixando alças caírem do corpo
revelam ruínas de guerras
praças quietas e sujas de ouro.

Segredos debaixo das unhas
contam histórias de infância
que a boca prende e segura,
que o diálogo não alcança.

Dormem no mesmo travesseiro,
dividem um café da manhã rápido.
Os reservatórios de angústias ainda cheios,
os sentimentos intactos.

Permanece vivo e intocado
Como as histórias da praça arruinada.
Graças à visão cega e desinteressada
Permanece como deve o fundo falso.

Passagem

Nesses dias tenho pensado águas,
aquelas que a gente pisa e nem vê
aquelas que só fazem barulho, passam.

Num pé de cachoeira qualquer
fincamos nossos pilares de pernas
entre as águas, mas nada as para:
elas passam e parecem que só sabem passar.

Queria eu desaguar assim, não-ser
sumir permanentemente
a ponto de não me reconhecer.

A fome do fogo

Faço café de manhã, por seres invisíveis levantada
esquento a panelinha, sobre o fogo azul sentada.
Invejo o líquido em seu quase fervente estado.

Quem me dera poder me esticar sobre o fogo assim pelada
e sair com o mesmo corpo, só em temperatura alterado.
Durante as rezas de família olhava a chama nos olhos,
[desconcentrada,
tão bonitas suas cores, seus cantos borrados.

Acho que senti no peito religiões antigas, cujo Deus de lava
se alimenta de crianças, homens sacrificados, senhoras amadas.
Tenho respeito àquilo que pode se alimentar de tudo, todas:
corpos, casas, florestas — todos finados por fervura.

Redemoinhos de peles

Quando deito nua ao ler um livro
(ou porque está calor ou porque não quero nada entre mim e
[a literatura])

vejo ondas de peles, redemoinhos de estrias formarem nas gorduras.

Lembro que há anos isso teria me doído.

Anos que passei fazendo exercícios para afinar a cintura,
afinava as sobrancelhas, queria raspar fora os dentes grandes,
[aumentar os cílios,

tudo eu queria afinar, querendo caber, eu queria ser formatada.

Fugia de espelhos e fotos como uma foragida, uma mulher caçada.

Hoje bendigo meus ralos e redemoinhos,
misturas de vento da minha pele sem filtros.

Dentro deles não vejo lendas nem criaturas mitológicas,
mas a história de minhas antepassadas, o que delas resta:
seus sagrados corpos, sua continuidade biológica.

A lenda

Vovô me disse que tem que pedir licença
pra entrar no mato.

Vovô me disse que fugiu de um hipopótamo,
me disse que vê mulher de branco
quando viaja de caminhão.

Ele me conta essas coisas
quando senta na porta da sala
O peito de fora com a camisa aberta.
Os três netos sentam em seus joelhos,
intercalam risadas com goladas no leite com nescau.

Vovô tem bundinha no queixo,
minha vó disse que acha
bonito eu também. Meu vô não fala nada
além de histórias e etiquetas,
palavras do mato.

Ao adentrar na beira da floresta
imagino um quarto
uma cortina separando-o
dos outros cômodos,
e uma senhora enrugada
deitada na cama
entre crochês e santos.

Ela é forte e bruxa
e tem tempestades no corpo.
Peço licença, óbvio.
Ela é dona de tudo.
É a mulher de branco,
o fôlego do hipopótamo,
as histórias do meu avô,
os meus contos de fada.

Caixa de ferramentas

Saí da casa dos meus pais cedo.
Meu pai não disse muito.
Não sei se tinha algo a dizer, se tinha medo.
Mas sua sensibilidade é outra, por mais que fique mudo,
ele comprou panelas, carregou caixas escadas acima,
lidou com um peso externo pra falar de saudades duras.
Insistiu que eu levasse comigo sua caixa de ferramentas querida.
Neguei, disse que não ia precisar, mal planejava decorações, firulas,
queria viver fora — só isto. Fui embora, deixei meu pai e ela.

Amor, às vezes, é antecipar as vontades do outro. Sem forçá-las.
Acho que meu pai esperava o telefonema, eu pedindo a caixa.
Minha necessidade de quadros, plantas pendentes chegava
[sem cautela,
Agora vejo amor em pregos, prateleiras, quadros e furos na parede,
todos feitos sem pressa. E mesmo de longe, com ele.

Imagem

Minha mãe é apaixonada pela praia.
No fim das poucas viagens a esse destino,
de gestos abraçados ela se aninhava na água,
triste de deixar o oceano longe, se despedindo.

O oceano se alongava atrás dela, sem ponta nenhuma,
queria levar consigo a areia, uma lembrança de espuma.
Suas mãos faziam cobertores de sal. Se pudesse,
[solidificaria umas gotas,
colocaria entre as contas do rosário
para ficar mais perto do Sagrado.

Acho que passava despercebido,
mas um milímetro do mar vinha debaixo de suas unhas,
virava paranaense escondido.
Nada explica uma paciência tão profunda,
um amor tão grande, interconectado, sentível.

Qualquer um sendo à minha mãe apresentado
(mesmo sem ter lido este poema)
sente um jeito de mar, calmas águas nutrindo todo um ondulado
familiar, às vezes salgado, mas imenso, planetário.

Broto à bruxa

Mando à Isa
Um objeto vivo
Meu pedido é que cuide
De uma recém-nascida.

Meu brotinho de Jiboia
(A planta, não a cobra)
Reluz num copo com água
Espalhando raízes molhadas.

Sobre a prateleira viu muito.
Velou sonos, danças na sala,
Choros atrás da porta. Tudo.
Mas vai gostar da Isa. E de sua casa.

Tem mais a ser observado lá,
aqui vivemos numa comunhão sem mágica.
Minha amiga Isa sabe de muito
que eu não sei. É bruxa, talvez fada.

Lá a planta poderá ser enfeitiçada,
Virar pé-de-feijão, dar frutos sem casca.
E ver a Isa, seus desenhos.
Que sorte a planta tem. Eu só tenho saudade. Isso basta.

Objetos a quem lembra de mim I

Beber junto numa calçada quente: no beco.
O ápice da amizade brasileira.
De esmalte preto,
Xarxel enche os copos de cerveja.

Bonito, até poético — poderia fazer estudante de cinema
gravar tudo — transcrever os trocadilhos em roteiros.
Mas a confiança se faz mesmo quando o entregador poemas
e Xarxel devolve atenciosos e bonitos textos.

Mando, então, para inserir mais um objeto à lista.
Numa caixa bem lacrada mando para Xarxel
todos os itens de uma festa junina:
paçocas, bolos, bandeiras coloridas.

Que o melhor desse país o agrade!
E que nenhuma fonte de poesia se cale.

Objetos a quem lembra de mim II

Envio para Fulano
bem embrulhada
uma colher de pau,
já muito usada.

Não tenha nojo,
mando desinfetada,
mas ela carrega sal,
risadas e temperos
em sua carne amadeirada.
Melhor que miojo:
herança de vários cheiros,
sabores e afins numa colherada.

Fulano também pode
reinventar: ela vira chicote
se alguém bravo a balançar.
Serve pra espantar cachorro,
parente chato, mau agouro.

Uma cozinha sem colher de pau
agoniza. Os talheres de metal
Refletem caras fechadas,
Passam para o ensopado
Nossos óleos amargurados.

Mando a colher dita
como quem envia
um buquê de receitas
nunca lidas.

É a própria madeira
que guarda segredos
de cabo a nabo,
que só saem ao calor de frigideira,
ao contato com molhos e confeitos.

Pode ser lavada, mas nem tudo some no ralo.

O homem novo

Com seus dentes de leite tortos,
ainda responde eu te amos,
me trata como gente.

Rezo para que o mundo
não lhe ensine nada,
nada horrível sobre mim,
sobre as mulheres.

Protejo-o dos tios
das mesas de domingo,
aqueles que entalam tristezas,
aqueles homens tristes.

Homens tristes que passam à frente
a coisa de nunca ser sincero,
homens de gargantas inflamadas,
tantas as angústias ali trancadas.

Fico pensando nessas mulheres
criando seus filhos para que não sejam
como seus pais, avôs, seus tios.
Mulheres que tentam fazer com que o mundo se cale,
um pouco, sabe?

Vejo olhos molhados,
risos ingênuos ainda,
torço para que homens não calcifiquem
para serem homens — cimento, silêncio.

Os três homens

Sublinhado, negrito e itálico
entram num bar — separados
Cada um numa mesa com sua bebida
escrevendo à sua maneira: sem voz nem rima.

Títulos, lembretes e termos estrangeiros
saem dos seus corpos gordos, delineados ou tortos
A cada clique do *mouse* uma palavra se faz sua, seus espelhos.
Num arquivo chamado "jklksasjls.doc" sem clips atenciosos,
ecossistema da poesia contemporânea — um palco sem holofote.
Os três homens e suas bebidas doces ou amargas doses
sabem mais da literatura do que muito professor universitário,
porque esta é a escrita em processo — sem destinatário,
poesia pura sem revisão nem rima nem pontuação nem nada:
só os três homens velando a cabeceira do arquivo sem futuro
[afortunado.

Carta aberta à Poesia

27 do oito de dois mil e vinte. Londrina.
Venho por meio desta carta
pedir que me obedeça, você e suas rimas.
Deixe de ser rebelde, de ignorar as marcas
das minhas vontades, intenções e dicas.

De que adianta eu botar-te pra fora,
você, toda minha vida — e você não significar nada?
Seu trabalho é pular nos olhos do leitor, fazer águas
se mexerem por dentro. Não se faça de morta.

Por favor, só quero que me leiam. É meu trabalho,
minha sina. Faça também um esforço — quero ser lida.
Atenciosamente, eu — aparentemente, seu escravo.

Coitado

do poeta intencionado.

Me mostra textos dizendo utopias,

vontades — cheiros que quis provocar no texto.

Não vejo nem sinto nada em suas crias,

muito bem rimadas, fundamentadas. Mas sem êxito.

O poema não é nada — digo num consolo.

Um trilho de palavras

percorrido tantas vezes em tantas rimas

com intenções invisibilizadas.

E o poeta mal dorme: pensa em ritmo, sílabas,

chora. Mas um texto é um texto: pertence ao mundo,

nunca é nosso, embora leve nossa carne junto.

Poema em construção

Penso em homens numa rodovia,
seus ombros cansados, sua solidão.

Que tipo de aviso conferimos à poesia?
Placas alaranjadas não fazem parte do trabalho.

Avise os passageiros que o poeta
está trabalhando, que falem baixo.

Tosco: à frente uma pessoa alonga-se ereta
entre os matos que beiram o asfalto.

No caderno, as linhas espicham retas
O pescoço vira ao olhar tudo rápido.

Queria ser poeta engajada,

mas me sinto fraca. Ou talvez simplesmente seja.
Conheço alguns gostos: destilo ódios
nada escondidos, nunca à beira,
sempre transbordados. Olho:
vejo errado em tudo. O chão sujo,
o cansaço, as pessoas automatizadas,
os estupros a cada poucos minutos,
as mulheres assassinadas.

Não tenho palavras — mesmo.
Nem esperança.
Nada.

.....

Tenho histórias para contar, apenas.

A pesquisadora

Me entregue uma pista.

Eu faço o resto.

Guardo dados como douradas pepitas
retiro falas de livros quietos.

Acordo cedo, até adiantada

uso camisa, colarinhos apertados

trabalho doze horas (claro, com umas pausas)

sem chefe. Só me dê algo a ser dissertado.

A professora

Palavra-parente de pássaro,
sempre engaiolada.

Mesmo em recinto fechado,
sem auxílio, sobrecarregada,
pequeníssimo salário,
a professora cola voos em outras asas.

O grito

Minha avó não me falava de suas cicatrizes.
Preferia falar de seus feitos — a costura, a casa.
Um dia andávamos pela rua de mão dadas
eu olhei bem nos olhos de uma cratera de peles e raízes.
Um risco mais claro no corpo de minha avó, no braço.

Soube reconhecer ali um grito calcificado.
Um grito que minha avó não havia gritado.
Passei os dedos sobre a pele fria e pálida
Arrepiei-me também, o grito me dominava.
Senti sua densidade e senti ecos e ecos de frio.

Num arrepio o grito e outros transferiram-se para minhas palavras,
minha avó se libertava do não dito.
Nunca soube o que minha avó não gritava,
mas meu propósito é carregar tudo comigo,
e pela minha avó e suas avós berrá-los — deixando-os sempre vivos.
Livres — ou talvez em livros.

Arquitetura da dor

Não há didática suficiente;
não há tecnologias;

não vejo panos pretos,
férias e descansos.
Não vejo entendimento:
algo, alguma parede levantada.

Doemos há séculos,
sempre. E não vejo dores,
escândalos. Dói sem opção de doer,
sem pausa, sem fôlego.

Ácido, vermelho e frutífero
está em panos humildes
copos de silicone o sangue escondido.

Fosse universal a dor
fosse outra religião
haveríamos museus
festas, flores, quadros,
direitos, estruturas em construção
pra honrar a dor e a coragem,
não apenas fertilidade.

Doloridas ou dopadas de remédio
sentiríamos também o vento
tremular bandeiras vermelhas
sobre grandes e redondos prédios.

Foragida

Se me sinto mal viro líquida
 não caibo em lugar nenhum: sumo!
 Pego o carro e dirijo até encontrar precipícios
 até o limite municipal, estadual,
 até encontrar uma árvore saudável demais
 para estar perto da cidade suja — o meu lar.

Lembro de uma das poucas vezes que eu minha mãe brigamos.
 Ela pegou a bicicleta e sumiu.
 Achei até engraçado no começo,
 mas anoiteceu e ela não voltava.

Minha mãe sabe dar tempo às coisas
 Se tem que se dar tempo ao tempo fértil pra que tudo cresça,
 Imagina aos sentimentos explosivos e horríveis
 que podem destelhar casas e derrubar seguranças parrudos
 [de banco?

Apareceu depois, suada, eu tão feliz que ela tinha voltado
 que nem ligava mais pra nossa discussão besta.
 Havia esquecido também. ela tomou banho, fez janta e
 [continuamos a vida.

Os psicanalistas reprovam, mas quando penso em explodir
 [o céu azul
 ver nuvens mortas em convulsão, despedaçadas pelos meus muros,
 sumo! Já cheguei a ter vergonha desse jeito de escapar dos
 [problemas.

Até que um dia encontrei uma tia-avó no mercado
 e ela me contou que minha bisavó fugia pro meio do mato escuro
 Brava, largava tudo, filhos a chorar, marido, panelas no fogo
 Se escondia no breu das árvores perigosas cheias de
 [escorpiões e aranhas.

Tinha mais medo dos seus sentimentos e gritos raivosos,
[do seu poder.
Sei que nosso silêncio é brutal. Sempre foi.

Posso apagar a luz?

Dependendo de quem pergunta,
o corpo de quem deita em uma pré-escuridão
adoece de uma forma correspondente, única.

Minha mãe fazia o sinal da cruz em mim, ainda sem sono;
colocava o cobertor rosa sobre meus ombros
como se este fosse uma grande honra.
Fechava a porta devagar — quadrados de escuras sombras
lutando, formas estranhas, vácuo novo de não enxergar nada.

Uma vez um amor me perguntou isto. Fiquei pálida.
Eu sabia já que mera pergunta não era inocente,
e de claro para escuro tive que tatear mais uma vez o inexplorado
Formatos indecentes, talvez pornográficos,
de cor amarelada — a luz do poste lá fora pela janela entrava.

O escuro se adapta à nossa mente e a quem apaga,
o interruptor, mesmo plástico, pode virar amor ou trauma.

Orquídea azul I

Em 2020 vou ao mercado
e vejo uma orquídea azul,
igual àquela que não comprei
numa lojinha de hospital
em 2015.

Pensei em comprar uma orquídea azul
para combinar com o nome dela
Celeste, nome azulado. E doente, na época.

Deixei pra outro dia.

Pensei que ia dar tempo.

Orquídea azul II

Nos meus pesadelos
flores do tipo
comem o tempo e meus apelos
desde o início.

De arrependimento arrependido,
que faz o solo continuar amargo.

Cada pétala um órgão falecido.
Seu pólen maldito, salgado.

A morte revira os quartos,
leva tudo: deixa saudades e flores.

Flores: testemunhas das minhas dores,
coroas para caixões, bonitas — mas meus diabos.

A orquídea azul sabe sua gravidade;
oitenta e nove reais numa lojinha de hospital.

É pra quem morrerá logo, ou de quem alguém nasce,
desesperos decoram seu vaso, sua cor rara e artificial.

Ó, orquídea e seus ponteiros acelerados,
símbolo do meu despreparo,
da esperança inútil,
desgraçados minutos.

Se houver jeito de estabelecer contatos
— aqueles espirituais —
quero pedir aos mordomos celestiais
que façam chuva de pétalas azuis — duns orquidários.

Assim volto a ver beleza na flor-celeste
Nesse caso, três vezes assim nomeada:
pela cor, por quem e por ser em nuvens transportada.
Tem acalentos que só a imaginação concebe.

Finalmente ignoro o não feito, então.
Assim a gente deixa de cultivar rancores,
e as coisas voltam a ser o que são:
simples cores, flores... e boa intenção.

Sede

Não me dou por satisfeita.
Já sinto que cheguei no mundo atrasada,
escrevo cada detalhe, enamorada,
incho, vermelha, bêbada de água salgada.

Posso ter superado mil homens, mas não esqueço:
sei de cor quantos nós em seus cabelos,
quantos nós em suas gargantas, seus pratos favoritos,
o seu número x de borrifadas de perfume, o nome de seus tios.

Tenho sede de vingança, de uma vingança impossível:
minha vontade de vencer o Tempo, seu sarcástico riso,
seu injusto apagamento de todas as imagens tão gastadas,
que abracei tão perto, que conservei longe de todo o esquecimento,
engolindo todas as histórias que amei e minhas memórias reviradas,
colocando minha imperdoável morte sempre tão perto,
minha vida que em breve será nada.

Para perguntar-se

Cuspo na pia
pasta de dente,
saliva.

Olho não só
peles e dentes,
me olho no olho mesmo,
me encaro.

Me pergunto:
é isso mesmo que eu quero?
Se sim, continuo,
Se não, me tranco ali.

Pergunto-me cem vezes ao dia,
preciso ter certeza. Consentimento meu.
Existem violências invisíveis,
silenciosas — poeiras em cima do armário,
sujeirinhas de micro-ondas.

Me encarrego da minha proteção,
eu que tenho essa escolha.
Pergunto-me, sempre,
trato-me como Sagrada.

Me dou momentos — e imagino
como seria se toda mulher
pudesse fazer o mesmo,
se Marias o suficiente
(da mãe de Jesus às outras)
tivessem um momento de reflexão.

Mas é tão difícil, porque o homem espera...

Caçada

Tenho jeito de presa.

Toda vez que fecho a porta
para sair de casa, de pé na calçada e ilesa,
penso em sobrevivência. Em quantas horas
faltam pra voltar e caso o que temo aconteça,
quantas horas demorarão pra chamar a polícia.

Gosto de escrever sobre onças e dentes afiados,
mas num mundo violento sou preá, gazela,
sinto meus olhos tão toscos, assim, sempre alarmados.
Nunca vi mar calmo em qualquer olhar de mulher desperta,
a tensão do meu corpo tem cheiro de morte, de vítima.

Sinto que deixo rastros e não me censuro em deixá-los,
também tenho que viver — deixando cheiros e pegadas.
Saio à noite e trago homens e os enfio no meu quarto.
Me divirto, mas sempre de orelhas levantadas.
Não durmo, velo o sono da fera que esconde mares
nos olhos fechados.



1ª edição [2025]

Este livro pertence à coleção Outras Palavras, uma realização da Biblioteca Pública do Paraná e da Secretaria de Cultura do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo.

Composto em Figtree, sobre papel avena 80 g, e impresso nas oficinas da Gráfica e Editora Copiart em junho de 2025.

SINOPSE

Este livro procura construir uma atmosfera íntima ao redor do leitor. Os poemas mordem e assopram com ritmo, subvertendo a ideia de um cotidiano repetitivo e procurando buscar a profundidade dos objetos e das companhias. Muitos deles resvalam em uma alegria leve, outros exploram as dores coloridas que surgem ao longo da vida. De qualquer forma, você está convidado a adentrar esse abismo.

A AUTORA

Amanda Damasio nasceu em 1998. Cresceu entre letras de música, revistas e diários. Começou a publicar textos ainda no Ensino Médio. Tornou-se professora de português, revisora e escritora. Mais tarde, cofundou a Editora Outra e publicou mais de uma dezena de autores de forma acessível e coletiva.

[POESIA]

Avalie nosso projeto:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

